

señala José Manuel Pedrosa, merece la pena destacar el del cuento recogido por Afanásiev con el nombre de “Blancanieves y el espejito mágico” que emparenta con todas las “Blancanieves” que se conocen en el mundo; el que lleva por título “En busca de la leche de las fieras”, que se corresponde con determinados episodios del poema épico provenzal de Daurel et Beton, con el cantar de gesta *Beuve de Hantone* o con el romance hispánico *Celinos y la adúltera*; el cuento ruso de “El zar del mar y la princesa sabia” que relaciona con el mito griego de Jasón y Medea; o algunos motivos del relato “La pluma del hermoso halcón” que, según señala, recuerdan al conocidísimo cuento de la *Cenicienta*. Y es que se trata de cuentos en definitiva universales.

Como se sabe, y así lo refiere Pedrosa, estos cuarenta y un cuentos –y otros muchos que componen el corpus de los *Cuentos populares rusos*–, fueron la base para el desarrollo de una de las teorías más innovadoras –no exenta de críticas– sobre la cuentística en la primera mitad del siglo XX, llevada a cabo por el gran folclorista ruso Vladímir J. Propp y expuesta en sus libros *Morfología del cuento* y *Las raíces históricas del cuento*.

Poco más se puede decir de *El anillo mágico y otros cuentos populares rusos*, pues los materiales presentados por Afanásiev hablan por sí mismos, la labor de traducción de Bulatova y De Beaumont resulta en todo punto acertada por el respeto al estilo, el deseo por ellas manifestado de mantener el registro oral o el ritmo del texto ruso, y ¿qué decir de la edición de Pedrosa, que no sólo pretende acercarnos a ese ámbito de la literatura popular de Rusia, sino darnos a conocer algunos de los parámetros fundamentales para conocer el funcionamiento del cuento universal? Poco más –decía– se puede decir de este libro, porque lo que resta tan sólo es disfrutar de su lectura.

**Elisa Maria Lopes da Costa (org.), *Ditos e Reditos – Provérbios da Lusofonia*, Prior Velho, Ed. Paulinas, 2005, 154 pp.**

**Lucília Chacoto\***

Da autoria de Elisa Maria Lopes da Costa e com ilustrações de Lionor Dupic, esta obra constitui, segundo julgamos, a primeira recolha de provérbios lusófonos.

A obra está dividida em duas partes: a primeira corresponde à introdução (nela se descrevem os objetivos visados, os critérios adoptados na recolha e as fontes bibliográficas); a segunda parte é composta por oito capítulos, ou seja, um por cada país lusófono.

---

\* Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8005-139 Faro. Portugal. <lchacoto@ualg.pt>

Esta recolha abarca os territórios de Angola (88 provérbios), Brasil (119), Cabo Verde (131), Guiné-Bissau (137), Macau (101), Moçambique (124), São Tomé e Príncipe (123) e Timor Lorosa'e (21 cantigas ou ditos populares, designados *dadolin*, recolhidos pelo investigador Luís Costa), perfazendo o total de 844 enunciados.

Os provérbios, grafados em português, mas com a versão em crioulo, apresentam algumas variantes e incluem, por vezes, um comentário ou uma explicação do seu significado. Nalguns casos, é dado também o provérbio português correspondente.

Gostaríamos de salientar, no entanto, que nem todos os exemplos dados são provérbios. À semelhança de outras recolhas paremiográficas, também aqui, sob a designação de provérbios, encontramos frases e expressões fixas. Assim, são considerados provérbios brasileiros, nomeadamente, “enquanto a galinha lambe a orelha” (*i. e.*, “instantaneamente”, p. 36), “uma vez na Pacatuba” (*i. e.*, “rarissimamente ou uma só vez”, p. 43), e ainda, “rente como pão quente” (*i. e.*, “certo, infalível”, p. 42). Todas são expressões fixas, tendo as duas primeiras um valor adverbial e a última um valor adjectival.

De referir, igualmente, os numerosos provérbios portugueses (e expressões) que são identificados como brasileiros ou africanos, consequência da sua adopção *ipsis verbis*. Consideram-se, por exemplo, provérbios brasileiros, entre outros, “Abril, águas mil, coadas por um funil” (p. 33) e “A cabra da vizinha dá mais leite que a minha” (p. 34), e classificam-se como provérbios cabo-verdianos, nomeadamente, “Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso” (p. 48), “Cão que ladra não morde” (p. 49), “De noite todos os gatos são pardos” (p. 51), “De pequenino se torce o pepino” (p. 51) e “Gato escaldado de água fria tem medo” (p. 54). Já o provérbio “Ao alfaiate pobre até a agulha se lhe dobra” (p. 124), dado como originário de São Tomé e Príncipe e sem equivalente em português, é na realidade um provérbio português, adoptado literalmente pelos são-tomenses.

As observações feitas não pretendem diminuir o valor da obra, mas tão-somente apontar alguns aspectos que podem ser melhorados em edições futuras.

Esta obra, abrangente mas despretensiosa, permite o estudo comparativo dos provérbios, salientando ora a diversidade, ora a identidade cultural dos países lusófonos, e interessa não só ao comum dos leitores mas também a um público mais especializado, como sejam, os professores e alunos de Português, os paremiólogos e os linguistas. No seu seguimento e com o seu estímulo, resta esperar que outras recolhas venham, em breve, complementar o trabalho ora iniciado.